POEMAS COM ROSTO
Xavier Zarco
virtualbooks

POEMAS COM ROSTO

Xavier Zarco

O autor

Xavier Zarco, pseudónimo de Pedro Manuel Martins Baptista, que nasceu em Coimbra em 1968. Publicou: ***O livro dos murmúrios*** (Palimage Editores, Viseu, Portugal, 1998), ***No rumor das águas*** (Virtualbooks, Brasil, 2001), ***Acordes de azul*** (Virtualbooks, Brasil, 2002), ***Palavras no vento*** (Virtualbooks, Brasil, 2003), ***In memoriam de John Lee Hooker*** (Virtualbooks, Brasil, 2003), ***Ordálio*** (Virtualbooks, Brasil, 2004), ***Hino de Santa Clara*** (DVD, Junta de Freguesia de Santa Clara, Portugal, 2005), ***O guardador das águas*** (Mar da Palavra, Coimbra, 2005), ***O ciclo do viandante*** (Virtualbooks, Brasil, 2005), ***O fogo A cinza*** (LASA – Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, Setúbal, 2005), ***Stanley Williams*** (Virtualbooks, Brasil, 2006), ***À beira do silêncio*** (Virtualbooks, Brasil, 2006), ***Monte maior sobre o Mondego*** (ArcosOnline, Arcos de Valdevez, 2006), ***Afluentes do poema*** (Virtualbooks, Brasil, 2006), ***Trinta mais uma odes*** (Virtualbooks, Brasil, 2007), ***Divertimento poético*** (Virtualbooks, Brasil, 2007) e ***Variações sobre tema de Vítor Matos e Sá: Invenção de Eros*** (edium editores, Maia, Portugal, 2007).

A este autor foram atribuídos as seguintes distinções: **Prémio de Poesia Vítor Matos e Sá - 2004**, organizado pelo Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ao título *O guardador das águas*; **Menção honrosa (poesia) no Prémio Literário Afonso Duarte – 2004**, realizado pela Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, a *Monte maior sobre o Mondego*; **Vencedor do Concurso para a letra do Hino da Freguesia de Santa Clara**, efectuado pela Junta de Freguesia de Santa Clara, em 2004, com *Hino de Santa Clara*; **Prémio de Poesia do Concurso Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage - 2005**, promovido pela LASA - Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, a *O fogo A cinza*; **Prémio de Poesia Raúl de Carvalho - 2005**, levado a efeito pela Câmara Municipal do Alvito, a *O livro do regresso*

(título ainda inédito); **Prémio de Poesia Vítor Matos e Sá - 2007**, do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a *Variações sobre tema de Vítor Matos e Sá: Invenção de Eros*; **Prémio Literário da Lusofonia - 2007**, da Câmara Municipal de Bragança, a *Nove ciclos para um poema* (título ainda inédito).

EUGÉNIO DE ANDRADE

como são breves as coisas

mais belas do mundo

breves e simples

como a música

escorrendo em torno

das palavras que florescem

Um olhar que na fuga se faz ave

Eugénio de Andrade

em redor as pétalas

chamam pelos aromas da estação

indagam do sol a magia

de uma mariposa

de uma abelha insinuante

ou de um poeta

ávido de pólen

ou de voo

no olhar desperto em fuga

CASIMIRO DE BRITO

do apolíneo curso anoto o seu nascente

um breve traço de mel

dependurado

na janela semi fechada

meio aberta

do meu quarto

docemente

inicia a invasão

lenta

de todos os recantos

a oriente

o poeta ensaia

a criação de um poema

um pássaro o traz

em seu canto matinal

Nada te peço, nada. Visito, simplesmente,

o teu corpo de cinza.

Casimiro de Brito

nada te direi

deixo as palavras à porta

sob o tapete

junto de todos os outros versos

que recusei plantar

nada te pedirei

passo por aqui

como se a música nascesse

no teu corpo

no teu corpo de cinza

e de silêncio

NATÁLIA CORREIA

mátria

flor silvestre que brota

do coração da terra

não há mão

nem humano pensamento

que a faça germinar

nasce pura

como um sol

que teima em regressar à tez do olhar

assim é teu verbo

rebelde e genuíno

matricial

ó subalimentados do sonho!

a poesia é para comer.

Natália Correia

senta-te nesta mesa onde o poema

como a vingança

frio se serve

sabes bem que um verso come-se

e partilha-se

não se guarda

guardar é esquecer

porque um armário na memória

é um túmulo um sarcófago

e não há arqueólogos de versos

a decifrar as entranhas

da alma desabitada pelo sonho

assim senta-te nesta mesa e sê

a boca onde a voz surge

com asas de poesia

EL REI DOM DINIS

esta é a língua em que vos escrevo

em que vos falo

a que flui

célere

nas veias vegetais de cada verso

onde sonho e amo

onde planto a semente de um país

onde ergo a bandeira

de um desejo

ou as asas

de um poema navegante

Ai flores, ai flores do verde pinho,

se sabedes novas do meu amigo!

El Rei Dom Dinis

por que parto se promove

o momento da partida

por que instante se esboça

o nascimento da ausência

cada momento é um escutar

das novas da distância

e nada se pronuncia

nos lábios

das flores do verde pinho

nada cintila neste cais

só o sol

que se derrama pelas águas

FLORBELA ESPANCA

eviterno

é o poema

que dentro da própria arte

nasce

exacto e perfeito

evoca as mãos

que ao caos resgatam a ordem

e o que surge

é qual flor subtil

que brilha e arde

no verbo sentir

Quando, inerte, na paz do cemitério,

O meu corpo matar a fome às rosas!

Florbela Espanca

quando morre um poeta

o sol sorri

sabe o destino das palavras

que plantou

no coração do silêncio

a sua fome de sílabas

a sua febre de música

outros as decifrarão

o poeta agora é rosa

vê como o sol a beija

JOSÉ FÉLIX

repousa o olhar na pedra

que a forma oculta

as mãos

que iluminam o gesto

e que acordam o cinzel

indagam

a resolução

de um teorema

a palavra

ventre incandescente

do poema

depois de um sono doce como a morte

José Félix

esqueçam-me se parto porque quero

se me deito neste leito

e invento uma noite sem fim

ou se me perco neste mar

no sonho insano de ser náufrago

ou se recuso a terra

pendente num ramo qualquer

esqueçam-me estas flores não merecem

esta laje esta sorte este epitáfio

que fenece ao sol nascente

JOSÉ ANTÓNIO GONÇALVES

pergunto o que é uma ilha senão o homem

que a pronuncia

mas um homem não é a ilha

é a jangada que navega

e indaga a sua própria atlântida

por entre o arquipélago

do verbo querer

Não sei o que fazer com a pedra

José António Gonçalves

sangra a pedra o cinzel que lhe não toca

que lhe não rasga a pele o envoltório

embora dois olhares se troquem

e se demanda nada a pedra pare

resina-se o escultor a contemplá-la

e contemplada a pedra nada diz

das lágrimas que o oculto corpo chora

HERBERTO HELDER

Onde se esculpe a boca, abre-se a voz.

A madeira revela

o fogo

das palavras.

Estas, como pétalas,

caem sobre as páginas

que rente ao olhar,

em voo,

se descobrem.

As barcas gritam sobre as águas.

Eu respiro nas quilhas.

Herberto Helder

imprecisa a aguarela reclama

um só olhar

um só instante sobre as águas

onde o grito se derrama

para que o escutemos

mas eu vou pelas ondas

pela espuma que acorda o areal

ou pelo barco

esboço de vento ou miragem

ao fundo sobre o azul

onde aprendo a respirar

JUANA DE IBARBOUROU

queda-se o corpo

entrega-se

à extrema serenidade

de uma onda que de manso

nos acaricia

a epiderme de areia

as mãos inventam

o súbito enlace solar

urge uma partida

uma chegada

um porto iluminado

um navio no sufrágio

da intempérie

queda-se o corpo

o meu corpo no teu corpo

um poema nado

de um poema

un ser que nos contempla transformado en hoguera

Juana de Ibarbourou

uma só voz

que pronuncia o silêncio

habita as arestas do verso

que jamais poderei escrever

arde numa morada

onde meu corpo se entrega

à magia das palavras

como se as recolhesse

e descobrisse sob a sua pele

um imenso mar de sentidos

um mar imenso

onde sinto a urgência

de navegar

GUERRA JUNQUEIRO

simples é a alma que a seu jeito

plena se descobre

em sua voz

e num gesto de partilha

semeia versos

ventos de mudança

porque onde antes

era erma terra

agora é verde prado

onde as flores insistem em medrar

Dei a volta ao mundo, dei a volta à Vida...

Guerra Junqueiro

tenho entre as mãos um veleiro

de papel

onde adormeço as palavras

e os temporais

no seu bojo naveguei

por símbolos

e imagens

que a custo decifrei

mas sempre que meu olhar

acordou

era novo o mundo

e nova a cifra

tenho um veleiro de papel

frágil

como uma pétala

ou um poema

RUI KNOPFLI

há

para cada homem

um rio que lhe corresponde

o rui knopfli

trazia o seu na algibeira

junto à fonte dos poemas

não era mondego ou tejo

tamisa ou sena

seu nome era um outro

que não constava na memória

dos literatos

mas guardava-o

no mais suave decote

desenhado entre estrofes

e o observava

no rigor das cãs

que o tempo em si semeara

Os músculos e o sangue e os nervos

reaprendem cautelosamente o caminho

que os olhos desvendam no dia claro.

Rui Knopfli

cada dia

é o primeiro dia em que vivemos

a magia das ínfimas coisas

se revela em cada gesto

do botão à rosa

do rio ao mar

cada pedaço do mundo

é um naco de pão

há que prová-lo

para aprender a amá-lo

ALBERTO DE LACERDA

traga-se ou traja-se o sol

nas palavras

nas imagens

cada verbo

é um gesto iniciado

num sereno desejo

de ser luz

Esclareço a água que envelhece as pedras

Alberto de Lacerda

desbravam as mãos

o ventre da água

decifram

os seus caminhos de sal

talvez um dia as pedras

digam das suas confidências

lágrimas de pedra

à flor das águas

ANDITYAS SOARES DE MOURA

o carteiro

mais ou menos

chega sempre à hora certa

traz no saco a tiracolo

novas da distância

de outro tempo

de outra memória

de palavras com música dentro

sílabas

veias ancestrais

onde o novo sangue floresce

eclode na voz de um jogral

na corte

da própria poesia

Em um instante: perder as nuvens

Andityas Soares de Moura

frágil é o verbo

que sustenta o poema

raro e precioso

como uma nuvem

ou um vitral

no desfiar do sol

LUÍS MIGUEL NAVA

é no corpo

que o poema nasce

flui célere

na depuração

dos sentidos

como um rio

que cinzela

as próprias margens

Todo ele estava torcido para dentro da memória

Luís Miguel Nava

um nome

é um silêncio em grito

tecido

na epiderme da memória

um rosto

é o esplendor da luz

que de dentro jorra

um nome e um rosto

um poema em construção

ALEXANDRE O'NEILL

Uma conhecida

mosca voa

em Lisboa.

E a vida,

e seus novelos,

passa despercebida,

como a mesa servida,

pelos meus cotovelos.

Folha de terra ou papel

tudo é viver, escrever.

Alexandre O'Neill

o que é um poema

uma maçã na boca de uma estrofe

as amoras nas sílabas do verso

o que são as mãos

na invenção da colheita

no recital das estações

sabes por onde me perco e escuto

a pronúncia da terra

é onde aprendo a viver

TEIXEIRA DE PASCOAES

há palavras

e gestos nas palavras

um fio de vida

dependurado em cada verso

e um poema que escapa entre as arestas

de uma página

e esvoaça em torno

da luz de um olhar

e este percorre

para além do visto

da aparência das coisas

há palavras

e gestos nas palavras

um fio de vida

que se revela

no secreto ventre

do horizonte

Sou pedra que se funde, mal lhe toca

Um ai de dor, um beijo, um sopro etéreo

Teixeira de Pascoaes

o que sou ou fui

ou serei

o que importa o tempo

a pedra ergue-se ao vento e não se importa

que sua carne seja rasgada

pelas suas unhas

como a pedra

também o tempo passa por mim

cumprimento-o

e sigo viagem

ANTERO DE QUENTAL

brilha o voo nas asas de um açor

em redor a aguarela

pinta-se de azul

seria mar

se o olhar

não se perdesse ao longe

onde habitam as sílabas

ondinas que cantam

a seiva do poema

Também me busco a mim... sem me encontrar!

Antero de Quental

espelho que me aguarda

e não encontro

sou narciso em busca

de meu rosto

escuto as águas

seu murmurar inconstante

mas longo é o caminho

para as afagar

mas persisto peregrino

do meu próprio destino

ANTÓNIO RAMOS ROSA

onde o gesto nasce abre-se o livro

a cada gesto corresponde

o nascimento de uma sílaba

ao ourives o ofício

do filigrana

ao poeta a música

a musa dos sentidos circundando

gravitando

em torno do ouro

a palavra inaugural

Se escrevo é porque nunca vejo mesmo quando vejo

António Ramos Rosa

escrevo na margem

vegetal

do silêncio

onde o silício se eleva

na fragilidade

da memória

e as mãos devoram

a matéria dos sonhos

entre as fragrâncias

breves

de um olhar

JORGE DE SENA

abre-se a fenda

uma ferida exposta na pele

do templo do tempo

das palavras

há um fogo

que matiza suas pedras

um livro nado

e resgatado

de um gesto inicial

uma história

que só nesta era tinha

mais de dois mil anos

uma palavra nova

arremessada

pela íntima fúria

a paixão das coisas

que as mãos erguem e suportam

E regresso um pouco triste a uma alegria imensa

Jorge de Sena

ulisses é a viagem

penélope o regresso

ítaca a partida

o que nos aguarda

senão o desígnio

da viagem

de um mar por cruzar

de um silêncio a habitar

cada instante é um rasto

uma pegada

a secreta

cartografia de partir

e regressar

MIGUEL TORGA

tinha de ser flor

nada em rude pedra

em cada dobra

se seus poemas

se descobre

a prece de um voo

um mapa

de indagação solar

na epiderme

de todos os sentidos

Falavas, e era música na terra

Miguel Torga

escreveram-te poeta

no mais belo

papel timbrado do mundo

em carta registada com aviso

de recepção

anunciava oficialmente

a morte da poesia

como cigarra

na fila do desemprego

escutavas a voz das formigas

servos da gleba

dos mercados bolsistas

aí soubeste que o poema

era uma arma

uma canção que tinha urgência em ser ave

e subindo ao coreto da esperança

cantaste o nascimento de um poema

GIUSEPPE UNGARETTI

pode o mundo ser este mosaico

que se despede

lentamente de um olhar

podem estas palavras

serem as ruínas

de um poema jamais lido

mas o mundo e as palavras

com que erguemos o poema

somos nós

assim

aprende e crê

não há fim mas recomeço

M’illumino

d'immenso.

Giuseppe Ungaretti

as palavras entoam os acordes

do gesto debruçado sobre a terra

há um varandim preso ao decifrar

do segredo dos dedos em carícia

e uma pena suspensa sobre o mar

iluminando a face do poema

CESÁRIO VERDE

Gosto do alexandrino, da sua ruptura:

A arte de respirar no centro do poema.

E a cidade, os costumes, a quase aldeia

Em tela iluminada em fina partitura.

Ah! Cesário Verde, como é natural

Cada verso, cesura nada em tua lavra!

O seu olhar possui, num jogo ardente,

Um arcanjo e um demónio a iluminá-lo

Cesário Verde

percorre o olhar

os campos dos espelhos

de dentro

uma outra face surge poderosa

iluminada de poente

em plena aurora

WALT WITHMAN

deste as próprias veias ao canto

do homem simples

do que abre fronteiras

com o sangue do seu sonho

do seu corpo

com ele dormiste

tendo as estrelas como confidentes

do murmúrio das ervas

do seu cântico em coro

de uma esperança

tão próxima como longínqua

mas este era o teu sangue

e este o teu destino

palavra a palavra tecido

vivido e sentido

na semente de um poema

I am the poet of the body,

And I am the poet of the soul.

Walt Whitman

há uma artéria

(sinto a sua serena presença)

que irriga a alma de sangue

um vínculo

um cordão umbilical

do corpo à alma

decifrar as secretas

vias

é o desígnio desta voz

que emerge do poema em construção

ZHANG KEJIU (*XIAOSHAN)*

no cimo da montanha

a águia vigia as árvores

semeadas

pelos discípulos de confúcio

cada uma à sua guisa

leva-me

para a serena contemplação

de um poema

o regaço de um rio

a altivez de uma muralha

o segredar

de uma palavra oculta

ou a limpidez

de uma aguarela onde o olhar

se desprende

para o mistério da viagem

um passo basta para vencer o vazio

Zhang Kejiu (Xiaoshan)

Tradução de Albano Martins

observo as gaivotas no rio

as crianças correndo no jardim

e pergunto-me

onde fica e o que resta do vazio

deixo o saco as palavras que sobraram

num canto qualquer

e parto rio abaixo no sorriso

das crianças

WILLIAM BUTLER YEATS

e há uma árvore no meio

da floresta

ninguém escutava as palavras

que se desprendem

de seus ramos

muitos ocultavam

o seu sereno cântico

havia quem a quisesse

ferir de morte

derramar

o seu imenso corpo sobre a terra

mas ninguém

ninguém calará o poema

quando nasce

no próprio corpo do vento

ninguém decepa a palavra

quando o sol

em sua corola se abriga

I have spread my dreams under your feet

William Butler Yeats

semeio meus passos e sonhos

pelos caminhos

sobre o pó repousam

aguardam a passagem de outros passos

para que meus passos e sonhos

se elevem

semeio como quem deseja

mais que passos ou sonhos

somente meus

há tantos passos e sonhos

a ser dados e sonhados

que outros mais

para mim e para ti

quero semear

XAVIER ZARCO

onde o poema cessa

outro poema

nasce

como se um abraço

se desenhasse em cada braço

que enceta

um movimento circular

É nas mãos que nasce o gesto

Xavier Zarco

É nas mãos que nasce o gesto;
onde reside o fogo de criar
na frondosa árvore a caravela.

Sentir, na seiva, a carícia,
o cântico do vento
pelas veias vegetais.

Observar o destino das raízes
e, por elas, aprender
o ofício navegante.